

Promoção:



COEB 2012

CONGRESSO DE EDUCAÇÃO BÁSICA: APRENDIZAGEM E CURRÍCULO

Apoio:



NOS PASSOS DE ANTONIETA: ESCREVER UMA VIDA

Luciene Fontão
UFSC
lufontao@gmail.com
Aprendizagens e Linguagens

Resumo: O artigo “Nos Passos de Antonieta: Escrever uma vida” trata de comentar sobre a tese de mesmo título, a qual realiza o resgate histórico-cultural, bibliográfico, fotográfico e de documentos, além das crônicas inéditas de Antonieta de Barros, a partir de pesquisas em sua fortuna crítica, relacionada à cultura e literatura catarinenses. Verifica-se a atuação da professora-escritora nas instâncias da vida pública. Mostra-se a trajetória, vida e obra, a partir das prerrogativas de Dosse (2009) quanto ao desafio biográfico. Reflete-se, dentro do contexto 1901-1952, em Santa Catarina, a atuação da mulher na política e na literatura, vislumbrando a importância de seus escritos e a influência de suas ideias no pensamento social, político e educacional na Ilha de Santa Catarina do século XX.

Palavras-chave: Antonieta. Biografia. Crônica. Trajetória. Literatura.

O Desafio de escrever uma vida segundo o escritor Francois Dosse constitui-se em “horizonte inacessível, que estimula o desejo de narrar e compreender” (DOSSE, 2009, p.11). Considerando a assertiva, pode-se dizer que todas as gerações de escritores e leitores aceitaram a aposta biográfica e cada uma mobilizou um conjunto de instrumentos que tinha a trilhar, conforme os valores e ditames teóricos de cada período historiográfico e literário. Por isso, até hoje, “escrevem-se sem cessar as mesmas vidas, realçam-se as mesmas figuras”, porque há quem descubra as lacunas documentais, a quem faça novas perguntas e deseja investigar para buscar novos esclarecimentos que surgem cada vez que um dado novo entra em cena.

Com tal pressuposto teórico, a escrita da vida e da obra de Antonieta de Barros buscou, mesmo com lacunas, brechas e insatisfações, remontar seus passos na Sociedade da Ilha de Santa Catarina no período de 1901 a 1952. Buscando informações e dados novos ou mesmo revisitando antigos fatos documentados para traçar a trajetória da personalidade histórica a partir da investigação de rastros e vestígios nas funções em que atuou: normalista, professora, intelectual, jornalista, cronista, oradora, diretora, política e crítica. A pesquisa realizada e a investigação em documentos institucionais averiguaram que o valor das ideias contidas em crônicas de Antonieta de Barros, seu

desempenho como política e escritora estiveram diretamente relacionadas à formação/atuação como professora em todas as instâncias da vida, porque a cada novo desafio, em cada nova etapa, sua carreira como profissional da educação tornava-se mais sólida.

O preenchimento das lacunas da biografia em imagens realizada durante a pesquisa de doutorado do curso de Pós-graduação em Literatura da UFSC (2007/2010) valeu-se de critérios, um calcado na leitura do livro de Antonieta de Barros, em relação às referências a datas, livros, pessoas, fatos, acontecimentos, que ela faz ao longo de *Farrapos de Ideias*¹, como por exemplo: referências a autores lidos, às passagens da retórica bíblica, às alegorias, às pessoas da vida social da cidade, aos acontecimentos históricos da época - lembrando que as referências e o intertexto trazem em si a ideia de “mosaico”, porque os *farrapos* são pedaços de textos que se encaixam para formar outro texto, no caso aqui a crônica de cada semana. Outro critério utilizado para o preenchimento dos espaços da biografia de Antonieta foram os *pedaços de outras vidas*, ou seja, a leitura da trajetória de personalidades vividas na época de Antonieta para poder compor, de pedaço em pedaço, os seus passos, a fim de entender um pouco de uma época e dali por seleção em contrastes e comparações, *tecer uma vida*. Vida de uma mulher de origem negra que venceu obstáculos por esforço pessoal e perseverança no trabalho, também obtendo auxílio legal de familiares (a mãe Catarina de Barros e a irmã Leonor de Barros), de amigos influentes do meio político (a família Ramos) e de seu professor Barreiros Filho.

Então, foi como normalista que Antonieta ingressou na vida social e participou do movimento estudantil da época, fazendo parte de um centro cívico; depois, como professora formada, participou da Liga do Magistério e ali atuou como secretária, sendo reconhecida no meio social como uma intelectual (CORRÊA, 1997). Por fazer parte da Liga do Magistério entrou em contato com professores intelectuais e escritores, junto aos quais fez parte do Centro Catharinense de Letras (CORRÊA, 1996). Como dona de escola passou a fazer parte de uma elite de mulheres que exercia a filantropia, lecionando para alfabetizar crianças e também adultos, estes no período noturno, além de fazer parte da Congregação do Senhor dos Passos, colaborando financeiramente por

¹ ILHA, Maria Da. *Farrapos de Ideias*. Florianópolis: Imprensa Oficial. 1937.1971.2001.

voluntariado no orfanato. Lecionando para adultos, conheceu homens influentes da sociedade da época. Participando dessas agremiações, destacava-se como oradora e colaboradora, a ponto de ser convidada a fazer parte do Partido Liberal Catarinense e a ser candidata à Assembleia Constituinte em 1935 (PIAZZA, 1994). Por conseguinte, assumiu a vaga e passou a ser a primeira mulher negra no parlamento do Sul do Brasil (MOTT, 1989). Como política, atuou em prol do magistério e da educação. Como escritora, adotou um estilo didático e doutrinário, a partir de um discurso argumentativo desenvolvido de um mote, um pensamento para a reflexão da semana e por alusão a datas comemorativas, lembrando o calendário escolar. Portanto, mesmo escrevendo e atuando em cargos eletivos e de direção de escola, era a professora Antonieta quem se dirigia a todos e a tudo de certa forma literariamente “governava”.

Pode-se afirmar que Antonieta de Barros foi uma mulher dedicada e engajada nas lutas de seu tempo, conforme demonstram seus escritos, nos vestígios encontrados em jornais de época (República – 1929-1937; O Estado -1934-1952; Dia e Noite – 1937-1938; Correio do Estado – 1934; A Pátria – 1931-1935; O Idealista 1945-1947, dentre outros.) e em livros da fortuna crítica da história e cultura catarinenses (CORREA, 1997; PIAZZA, 1994). Uma mulher de ascendência negra (SCHUMAHER, 2007) que, mesmo presenciando preconceitos, não esmoreceu diante das dificuldades e, com o seu trabalho, mostrou ser digna da confiança de uma parcela da população catarinense que a elegeu deputada pela segunda vez em 1948 (PIAZZA, 1994). Uma mulher proveniente do povo, com formação a partir da educação popular, para exercer com direito a voz e voto, e mais do que isto, com direito a propor projetos de lei, menções e diretrizes para a carreira do magistério catarinense, conseguindo aprová-los e pô-los em prática, enquanto fazia parte do governo e dele recebia apoio (Conforme menções em projetos de Lei e documentos institucionais dos mandatos de 1935 e 1948 da Biblioteca da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina).

Antonieta de Barros escrevia regularmente crônica, sob o pseudônimo de Maria da Ilha, entretanto, publicou somente um livro (SACHET & SOARES, 1989). Não fez parte da Academia Catarinense de Letras, mesmo ocupando o cargo político ao lado de um grupo de intelectuais políticos imortais. Talvez por ser mulher e negra ou por ser cronista e não poetisa ou romancista. Observou-se, após a pesquisa em fortuna crítica sobre a cronista Antonieta e após leitura exaustiva de seus textos, que o fato dela ter

optado pela prosa social popular jornalística, escrevendo “crônicas ligeiras, a maioria delas impregnadas de profundo sabor existencial onde está ausente a busca de perfeição gramatical e estética”, como afirma Sachet (1970), levou-a a se afastar da possibilidade de ingressar na Academia. Seu precoce desaparecimento (28/03/1952), justo em um período de intensa produção jornalística, parece ser outro fator de afastamento da Academia. Ficou evidente a partir das leituras de seus textos que Antonieta não merecia a alcunha de “poeta menor”, já que não se dedicava a escrever poemas, salvo textos em forma de orações como a “Dê Joelhos” (publicado no jornal *O Estado* em 23/12/1951), entretanto, escrevia crônicas densas, críticas, que remetiam o leitor a problemas sociais, a reflexões filosóficas sobre a vida e a morte, sobre o dia a dia, sobre a educação, a política, a conduta cidadã, com certo tom melancólico, mas impregnada de significados e figuras de linguagens. Seus escritos são de um valor inestimável na historiografia da Literatura Catarinense, em um período parco de escritores significativos, ainda mais cronista mulher; além do mais, ela representa a resistência da escrita feminina e a presença da mulher escritora na literatura produzida na Ilha de Santa Catarina, como também o foram Delminda da Silveira (poetisa e cronista, 1854-1932), Maria Carolina Corcoroca de Sousa (Semiramis - poetisa, 1956-1910), Maura de Senna Pereira (poetisa), a primeira mulher a entrar na Academia Catarinense de Letras em 1927 (MUZART, 2004).

É fato que Antonieta possui crônicas inéditas para compor outro livro, principalmente, as publicadas no jornal *O Estado*, compilados por Silva & Sachet (1991), revisitadas e fotografadas por esta pesquisa. Não houve por parte de Antonieta e de sua irmã Leonor a oportunidade de fazê-lo. Talvez pela falta de recursos. Talvez pela falta de tempo; já que o trabalho de Antonieta como Deputada era intenso, por fazer parte da Comissão de Educação e Justiça e, também porque trabalhava em mais de um estabelecimento de ensino, dia e noite.

Sua morte precoce em 28 de março de 1952 tirou-a do convívio social no momento mais produtivo e crítico de sua vida. O período pós-aposentadoria foi o mais profícuo, porque publicava regularmente no jornal *O Estado*. Seus últimos textos são mais engajados e denunciam problemas de corrupção, desrespeito às leis, denúncia à perseguição política por parte do governo do estado, o qual constituía a oposição do partido a que pertencia Antonieta. Sua trajetória solitária na vida pública era de uma

postura muito discreta. Na vida particular, era de espantar que tivesse “bons” olhos para ler, e embora usasse óculos, não o fazia, trazendo-os no bolso ou largando-os na escrivaninha; e “bons” ouvidos para escutar, estando sempre atenta às notícias da cidade, do estado, do país e do mundo. As imagens não são apresentadas aqui, mas podem ser verificadas ao longo do livro da tese, as quais foram agrupadas a partir de pesquisas realizadas no Museu da Escola Catarinense, no Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, no acervo da Biblioteca da Assembleia Legislativa, no acervo da Casa da Memória, no acervo de obras raras da Biblioteca Pública de Santa Catarina, no acervo dos jornais da seção de obras raras da biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina e em arquivos pessoais da família e amigos de Antonieta.

Este estudo buscou contribuir para a divulgação e valorização da escrita feminina do início do século XX por se tratar da investigação de “rastros e vestígios” da escrita de uma das intelectuais que enaltece um período significativo da memória da cultura e literatura catarinenses, uma das pioneiras em escrever crônicas no estado. Um olhar meio estrábico de ver a Mestra, que criteriosamente foi selecionando, dentro de uma coerência narrativa, ou pelo menos tentando esta coerência, não buscar uma cor específica, mas sim o espectro da cor, o prisma desfolhado em nuances, uma refração que mostra reflexos de tudo e de todos transparentes. E enquanto realizava o produto estabelecido da tese, foi-se percebendo a rede de relações e inter-relações entre vidas e teorias que um estudo desta natureza proporciona. Assim, estudou-se a imbricação das categorias de gênero, raça, experiência e identidade veiculadas nos últimos anos pela teoria feminista, a partir da investigação em Antonieta, uma mescla destas performances, que culmina com a professora no parlamento, sendo entrevistada pelo jornal *O Estado* em 11/09/1948, palavras tão atuais de Antonieta de Barros:

Nossa situação, no que diz respeito ao ensino primário, é invejável [...]. Isso têm feito da nossa Santa Catarina um modelo, dentro da Federação Brasileira, no Capítulo da Educação Primária. Isso tem de ser para nós, em geral, e para mim, em particular como professora, motivo de justificado orgulho²

Realizar este estudo constituiu-se em um trabalho gratificante e elucidativo. Gratificante porque mostrou que na sociedade da época as professoras tinham uma atuação política e cultural, sendo uma parcela da população engajada para a qualificação

² Palavras da Deputada Antonieta de Barros em entrevista ao Jornal *O Estado* em 11/-9/1948.

do ensino tanto público quanto particular, abdicando muitas vezes de uma vida *per se* e individualista para se dedicarem ao bem comum e social, visto ser boa parte delas solteiras. As normalistas, idealistas descritas pela mestra Antonieta, “faziam e aconteciam”, lutavam por seu espaço e contribuía no seio da escola de forma significativa para o progresso feminino. Trabalhavam em prol da educação, a fim de garantir às gerações futuras um quadro educacional mais rico em diversidade de modalidades de ensino e futuras universidades; além de terem contribuído de forma significativa na luta pelo sufrágio universal, na valorização da mulher e do ser feminino, uma visão do período de 1901 a 1952, sob domínio de poder do gênero masculino.

Trabalho elucidativo porque ao realizar o levantamento em fontes bibliográficas, verificaram-se rastros de um grupo de intelectuais que, ao sofrerem perseguições políticas e sociais, não deixaram de criar uma *Sociedade de Letras Catharinenses, o Centro Catharinense de Letras* (1925-1929), nem mesmo deixaram de escrever e publicar seus jornais e seus livros. Eles agitaram a pacata e bucólica Ilha de Santa Catarina e graças aos seus esforços não deixaram passar em branco um período rico da cultura local. A década de 20 foi um marco na consolidação dos pequenos em relação à egolatria dos homens e mulheres de classe social abastada no mundo cultural da sociedade ilhoa (CORREA, 1997; PIAZZA & BOITEUX, 1971).

Confirma-se que Antonieta é uma escritora de seu tempo e sua obra apresenta nuances de uma modernidade que se avizinha (SACHET & SILVA, 1991), de um valor estético singular na Literatura Catarinense do início do século XX, por escrever em prosa: ensaio, crônica, discurso e projeto de lei. As crônicas são obras abertas e o discurso polifônico, considerando o dialogismo, a heterogeneidade enunciativa e a intertextualidade (BAKHTIN, 2003). Isso porque a compreensão do valor de uma obra literária está ligada à rede de conexões que o fato literário agrega. Não basta ler uma obra por si, há de se perceber a profundidade da significação e o contexto em que está inserida, embora os fragmentos possam apresentar um caráter universal. Há uma estreita ligação entre o tempo, o espaço e o contexto de uma obra, considerando a leitura e a apreciação que se realiza dela. Cada gênero literário tem uma finalidade, uma função, um objetivo, utiliza uma determinada linguagem e está direcionado a um leitor específico, a partir das concepções sobre crônica de Antonio Candido (1992). Assim sendo, os textos de Antonieta apresentam uma inserção social, mostrando um valor

social e a preocupação da escritora com a educação de todos, com a igualdade de condições de cada membro da sociedade, sendo o trabalho uma virtude e um direito para homens e mulheres. Referindo-se à educação dos jovens e ao seu futuro, a escritora escreveu a crônica “Para onde vamos?” (ILHA, 1937), utilizando-se de metáforas, as quais deixam o texto aberto a possibilidades de leituras, dependendo do contexto em que o leitor está inserido, observe-se o fragmento:

Para onde vamos? Aonde chegaremos?
 É a nebulosa das interrogações que absorve todos os que olham,
 abismados, a marcha precipitada da evolução.
 Para qualquer lado que se volte, encontram-se lábios que não
 sabem sorrir, e olhos, sempre rasos d’água.
 A humanidade como que sente a fúria com que se precipita não
 sabe onde.[...]
 Falta-lhes tudo, porque não saberão esperar.
 Viverão, sentindo o tinir do metal em que se transformarão os
 seus instantes.
 A flor “azul do Ideal” nunca lhes enfeitará os dias.
 Nem um sonho lindo, nenhum movimento de ascensão, nem um
 desejo de escalada. [...] (ILHA, 1937, p. 181-183).

A crônica em questão traz a preocupação de Antonieta com os acontecimentos sociais, publicada em seu livro, uma reflexão sobre o futuro dos jovens sem esperanças, sem perspectiva de trabalho, sem condições de liberdade, tendo que servir às forças armadas, por causa das guerras que assolavam o mundo naquele período. Antonieta viveu em um mundo pacífico, mas que também sofreu com o terror da perseguição aos alemães. Conta-se (depoimentos) que ela ajudava os descendentes de alemães da ilha, familiares e amigos, juntamente com um grupo de intelectuais da ilha, auxiliava com orientações escritas; os vestígios podem ser observados veladamente nas crônicas endereçadas a pessoas da comunidade, a partir da interpretação das datas em que foram publicadas em jornais de época, mas bastante discretas para não levantarem suspeitas.

Em síntese, pode-se dizer que: informações biográficas sobre Antonieta de Barros nem sempre tem uma correlação direta com o que ela realmente foi, pensava e escrevia, principalmente quanto à questão do preconceito racial, uma vez que Antonieta era contra as leis que tratavam de *racismo*, embora tenha sofrido preconceito sim. Entretanto, o tema da negritude (BERND, 1984) não aparece de forma ostensiva nos textos escritos por Antonieta. Como exceção, pode-se citar o episódio protagonizado

pelo Deputado Oswaldo Rodrigues Cabral e a Deputada Antonieta de Barros na ALESC, quando da discussão sobre os professores que estavam sendo demitidos pelo governo do estado que pertenciam a partido político não aliado, criticado por Maria da Ilha em sua crônica semanal, texto intitulado: *Intriga barata de senzala* (Ô Catarina, Set/2001), descritos nos jornais de época. Fora isso, Antonieta escrevia sobre o cotidiano, sobre o lugar de origem, sobre reflexões em relação aos acontecimentos da cidade, do estado, do país e até do mundo.

O que impulsionava o discurso de Antonieta poderia ser o fato de ter sido pobre e professora, filha de mãe dedicada, de profissão lavadeira e trabalhadora incansável. Sua infância de poucos recursos, a dificuldade em estudar e ter livros para ler também foi uma triste realidade em sua vida. Quando Antonieta frisa sobre a importância da criança ler e ter livros em casa para ter uma educação mais significativa e de qualidade, ela está de certa forma, lembrando de sua própria carência de livros na infância. Isso porque o tema educação como se viu é uma tônica nos discursos, nos projetos de lei e, principalmente nas crônicas. Há uma preocupação real com a alfabetização e o letramento dos pequenos, das crianças.

Percebeu-se que Antonieta escrevia para um leitor de jornal preocupado com o cotidiano, com os acontecimentos sociais e com os fatos políticos. Dependendo do aporte textual, Antonieta se dirigia ao público específico daquele órgão informativo. Assim, ela escreveu “Aos Moços” no *Jornal Correio do Povo* e no *Jornal O Idealista*; escreveu “Às moças” nas crônicas de jornais e nos discursos publicados em *Farrapos de Ideias*, escritos por ocasião de ser Paraninfa na Escola Normal. Escreveu aos republicanos e políticos, quando publicava em *República*; escreveu ao povo catarinense quando era a Deputada quem escrevia sobre os seus projetos de lei e atuações na Assembleia, em *O Estado*. Dirigiu-se aos homens e mulheres, à humanidade quando publicou o livro, solicitando que todos fossem filantropos com as crianças do *Preventório*, lugar para onde a arrecadação dos valores oriundos da venda do livro iria.

Observou-se com a leitura de seus textos a efervescência do pensamento e do discurso de uma mulher, cuja vida foi dedicada ao trabalho e ao ideal de educação de qualidade, em uma sociedade desigual. Desigual porque ao se buscar dados e fatos históricos, percebeu-se uma sociedade literária florianopolitana preconceituosa ao tratar dos escritores da associação dos “Homens de Cor”, liderados por Ildefonso Juvenal e

Trajano Margarida, e por tratar das mulheres apenas como intelectuais e não como escritoras e literatas (CORRÊA, 1997). Esse fato parece bastante marcado nos discursos da *Academia* da década de 20-30. Entretanto, não aparecem nos escritos de Antonieta e nem nos seus discursos de forma ostensiva. Da condição de ser afrodescendente não trata objetivamente, quando se pensa nos temas de suas crônicas e discursos; entretanto do tema relacionado à condição da mulher na sociedade da época sim e com bastante ênfase na questão relacionada à necessidade de educar a mulher para que cumprisse o seu papel social. Na visão de Antonieta a mulher devia estudar ter uma profissão, trabalhar e ter o direito ao salário justo, na condição de cidadã brasileira, em condição igual ao do homem. À época ela queria estudar, fazer um curso superior, mas na Faculdade de Direito só entravam os homens. E mais do que emprenhar-se pela educação de qualidade, lutou por sua classe: o magistério e pelo reconhecimento do professor e da professora como profissionais dignos de receber proventos justos.

“Que seremos nós, as mulheres?” (ILHA, 1971, p. 153). Na sua concepção a mulher não deveria ser “parasita”, nem mesmo “domesticada” ou “feminista de cigarro à boca”, a escritora exige o reconhecimento do direito da mulher ao pensamento, à reflexão, à tomada de decisão, ao desenvolvimento do cérebro feminino e à inteligência, deixando de estar à margem ou à sombra dos homens. A mulher não mais vista como objeto de prazer tão somente ou para a maternidade, mas uma mulher que possa ampliar sua atuação social como um ser inteiro e não apenas como “a metade do gênero humano”. A singularidade e a diferença identificam a importância histórica de Antonieta para o Feminismo brasileiro, como um discurso possível, dentro dos postulados dos estudos culturais e feministas que se baseiam na questão da essência como construção discursiva.

Refletindo sobre a longevidade do valor das ideias da cronista, será que se pode considerar Antonieta de Barros um ícone de sua época, com nuances de mito? Ou será que seu estilo dialógico em escrever textos, sua força de mulher e a atuação como professora em todas as instâncias de sua vida pública a transformaram em uma personalidade pública e famosa? A resposta está no coração de cada pessoa que a conheceu, na mente de quem lê seus textos e com eles reflete sobre certo contexto político, também no exemplo de vida, de quais performances se retiram conhecimentos.

Após esse longo processo de escrita de sua vida pode-se dizer com segurança que Antonieta em vida já era uma personalidade muito respeitada. Nos anos setenta, graças a sua irmã, torna-se um exemplo de resistência, quando reaparece a segunda edição do livro *Farrapos de Ideais*; e como ícone e símbolo de uma resistência silenciosa, a partir dos anos noventa, para a consolidação do respeito à diversidade étnica.

Tornou-se, portanto, um exemplo de coragem a todos aqueles oriundos de uma camada da população de baixa renda. Tornou-se um exemplo de perseverança para a classe do magistério. Um exemplo para a mulher, porque ascendeu por suas próprias qualidades, uma intelectual que buscou espaço para expor suas ideias, não desperdiçando as oportunidades; uma professora dedicada e incansável, uma deputada que não esqueceu a classe a que pertencia. Uma mulher que ousou ser política e ocupar o lugar que à época, normalmente, seria de um homem. Uma personalidade pública, recatada e discreta, porque se colocou a serviço do bem comum acima de sua satisfação pessoal e vida em particular.

Sem sombra de dúvidas é um ícone, alguém cuja definição de personalidade e delimitação de atuação passa por funções sociais exercidas com muito zelo entre 1922 - 1952, da formatura como normalista até a sua morte no Hospital de Caridade, por causa de complicações em decorrência da diabetes.

Ou seja, trinta anos de presença na sociedade ilhoa, trinta anos de ensinamentos e direcionamentos, divididos entre escolas públicas e particulares, entre secretarias de entidades de classe e culturais, como diretoria de escola, na atuação social como membro de grupo religioso e de agremiações político-partidárias. Enfim, uma vida multifacetada, com ideias espalhadas por alguns veículos de informações que extrapolaram o espaço ilhéu, chegando a outros municípios do estado, a outros estados da federação brasileira e ganhou o mundo em pleno século XXI ao figurar na rede mundial de computadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. O discurso da história. In; *O Rumor da língua*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. Le discours de l'histoire; La mort de l'auteur. In.: *Le bruissement de la langue*. Seuil, 1984.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BENJAMIN, Walter. *A Modernidade e os Modernos*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1975.

BERND, Zilá. *A Questão da Negritude*. Editora Brasiliense: São Paulo, 1984.

BERTOLINO, Pedro. *Viagens com Maura: ensaio de esboço bibliográfico em Maura de Senna Pereira*. Florianópolis: Ed. A.C.L, 1993.

BOSI, Alfredo *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Editora Cultrix. 43ª Edição, 2006.

BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; BUENO, Eduardo (Org.). *História do Brasil*. Florianópolis: Zero Hora/RBS jornais, 2000.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. São Paulo: Ed Ouro, 2006.
_____. A vida ao rés-do-chão. In.: *A Crônica* (Org.). Setor de Filologia da FCRB. Campinas/SP: Ed. Universidade Estadual de Campinas, 1992.

CORREA, Carlos Humberto. *História da Cultura Catarinense: O Estado das Ideias*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1997.

DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: Escrever uma vida*. Tradução Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo: USP, 2009.

ILHA, Maria Da. *Farrapos de Ideias.1. ed. Florianópolis: Imprensa Oficial., 1937.*
_____. *Farrapos de Ideias.2. ed. Florianópolis: Imprensa Oficial., 1971.*
_____. *Farrapos de Ideias.3. ed. Florianópolis: Imprensa Oficial., 2001.*

MOTT, Mária Lúcia de Barros. *Escritoras Negras: resgatando a nossa História*. Papéis Avulsos, número 13. Rio de Janeiro: Centro Interdisciplinar de Estudos Contemporâneos, 1989.

PIAZZA, Walter F. *Dicionário Político Catarinense*. Florianópolis: Assembleia Legislativa de Santa Catarina, 1994.

PIAZZA, Walter F; BOITEUX, Lucas. *Notas para a história da Academia Catarinense de Letras*. Porto Alegre: Edições Flama, 1971.

SACHET, Celestino. *Literatura. In História de Santa Catarina*, 1970

SACHET, Celestino; SOARES, Iaponan. *Presença da Literatura Catarinense*. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1989.

SACHET, Celestino. *As transformações estético-literárias dos nãos 20 em Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli Representações, 1974.

SILVA, Josefina; SACHET, Celestino. *Maria da Ilha: Discurso e Catequese*. Dissertação de Mestrado em Literatura/ UFSC, 1991.

SCHUMAHER, Schuma & BRAZIL, Érico Vital. *Mulheres Negras do Brasil*. Rio de Janeiro: SENAC Nacional, 2007

MUZART, Zahide L. (Org.). *Escritoras Brasileiras do Século XIX*. Vol II. Florianópolis: Editoras Mulheres; EDUNISC, 2004.

Periódicos consultados:

República – 1929-1937; O Estado -1934-1952; Dia e Noite – 1937-1938; Correio do Estado – 1934; A Pátria – 1931-1935; O Idealista 1945-1947; Ô Catarina, 2001.